

**tambor que educa:
a pedagogia olodum e a epistemologia do samba-reggae**

**drum that educates:
the olodum pedagogy and the epistemology of samba-reggae**

Mara Felipe

Conselheira para Assuntos Pedagógicos
Olodum

Salvador – Bahia

Orcid: <https://orcid.org/0009-0003-2484-6924>

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.14218961>

Resumo: Este artigo explora a metodologia da pedagogia e a epistemologia do samba-reggae desenvolvidas pelo Olodum, mostrando que sua prática educativa é fundamentada em princípios decoloniais e antirracistas, buscando dismantelar estruturas eurocêntricas e promover uma educação inclusiva que fortaleça a identidade negra. Além disso, o artigo discute a atuação do Olodum em políticas públicas, antes da promulgação da Lei 10.639/03, evidenciando seu papel na formulação de políticas voltadas à inclusão e à valorização da cultura afro-brasileira no currículo escolar. O samba-reggae é destacado como um elemento pedagógico central, que conecta os jovens às suas raízes africanas enquanto promove o engajamento político e social.

Palavras-chave: (1) Pedagogia interétnica; (2) Educação antirracista; (3) Pedagogia Olodum; (4) Epistemologia do Samba-Reggae; (5) Olodum.

Abstract: This article explores the pedagogical methodology and epistemology of samba-reggae developed by Olodum, showing that its educational practice is based on decolonial and anti-racist principles, seeking to dismantle Eurocentric structures and promote inclusive education that strengthens black identity. Furthermore, the article discusses Olodum's role in public policies, before the promulgation of Law 10.639/03, highlighting its role in formulating policies aimed at the inclusion and appreciation of Afro-Brazilian culture in the school curriculum. Samba-reggae is highlighted as a central pedagogical element, which connects young people to their African roots while promoting political and social engagement.

Keywords: (1) Interethnic pedagogy; (2) Anti-racist education; (3) Olodum's pedagogy; (4) Samba-Reggae epistemology; (5) Olodum.

Introdução

Convite Olodum

Reunir, discutir, encontrar soluções

Essa é a nossa questão, não vamos abrir mão, irmão

Oh, oh, se gosta de samba, não fique só

Junte-se a nós do Olodum

Fortaleça a união

(LOPES & MENEGHEL 1991).

O Olodum, fundado em 1979 no Pelourinho-Maciel, Salvador, surgiu inicialmente como um bloco afro, com o propósito de promover a valorização e o resgate da cultura negra. Entretanto, a partir de 1983, evoluiu para uma organização cultural e educacional com uma forte atuação no combate ao racismo e na promoção da inclusão social. Alicerçado de sua prática musical e das suas atividades educativas, o Olodum desenvolveu uma metodologia pedagógica inovadora que conjuga arte, cultura e educação, estabelecendo um espaço de resistência e transformação social, sobretudo para as comunidades afrodescendentes. Este artigo busca explorar essa metodologia de ensino, com ênfase na pedagogia interétnica, desenvolvida pelo sociólogo e professor Manuel de Almeida Cruz (1950-2004).

A pedagogia interétnica utilizada pelo Olodum se constitui em uma prática educativa que desafia as abordagens tradicionais, eurocêntricas, de ensino ao promover um diálogo constante entre diferentes culturas e etnias, especialmente a afro-brasileira e africana. Esse modelo pedagógico busca não apenas transmitir conhecimentos formais, mas também fomentar a conscientização crítica dos alunos sobre seu lugar no mundo e as opressões que enfrentam. A proposta é que, por meio da educação, os indivíduos se empoderem e se tornem agentes ativos na transformação de sua realidade social e racial. A metodologia do Olodum, assim, vai além do ensino convencional ao incorporar práticas culturais e artísticas como ferramentas centrais de aprendizado.

O aspecto metodológico do Olodum está profundamente enraizado em sua prática musical percussiva. A música, especialmente o samba-reggae, funciona não apenas como um elemento cultural, mas como um meio de transmissão de saberes que conecta os jovens à sua ancestralidade africana, ao mesmo tempo que os educa sobre questões contemporâneas de desigualdade sociais diversas. O samba-reggae, criado pelo Olodum, mistura ritmos africanos e brasileiros e serve como um “texto pedagógico”, por meio do qual se discutem temas como identidade, resistência e empoderamento.

A música no Olodum não é apenas entretenimento, mas um veículo de formação crítica e conscientização racial. Essa metodologia de ensino musical é acompanhada de debates, palestras, filmes, seminários, oficinas, uso de tecnologia e projetos diversos que se inserem em um contexto decolonial e transformador.

A pedagogia interétnica do Olodum não é isolada; ela se baseia na combinação de múltiplos saberes e no diálogo entre as diferentes realidades culturais. Manuel de Almeida Cruz, sociólogo e colaborador próximo do Olodum, foi um dos responsáveis por sistematizar essa pedagogia, que visa o respeito às diversidades culturais e étnicas. A pedagogia interétnica, conforme exposta por Cruz e desenvolvida pelo Olodum, propõe que o processo educacional deve ser um espaço de troca, onde saberes tradicionais, científicos e populares possam coexistir e enriquecer mutuamente. No Olodum, essa metodologia se manifesta em suas atividades de ensino, oficinas artísticas e projetos sociais, sendo também uma forma de articular a luta política contra o racismo. É como Cruz define:

A pedagogia interétnica tem como objetivo fundamental o estudo e a pesquisa do etnocentrismo, do preconceito racial e do racismo transmitidos pelo processo de socialização ou educacional (família, comunidade, escola, sociedade global e meios de comunicação social), além de indicar medidas educativas para combater os referidos fenômenos. Esta pedagogia em questão recomenda uma linguagem total (escola, teatro, imprensa, rádio, histórias em quadrinhos, posters, cine, TV vídeo e palestras) com um meio de mudança de atitudes preconceituosas e de discriminações raciais, propondo ainda uma intervenção sistematizada na área de educação formal, a partir da elaboração de um currículo escolar baseado nos valores dos grupos étnicos subalternos (CRUZ 1989: 51).

Além disso, a metodologia do Olodum é fortemente embasada no conceito de educação antirracista. A instituição se coloca como uma das principais vozes na luta contra as estruturas racistas no Brasil, e sua pedagogia reflete esse compromisso. A pedagogia antirracista do Olodum se materializa na busca por políticas públicas, que procura não apenas conscientizar sobre o racismo estrutural, mas também apontar caminhos na luta contra essas opressões.

Outro elemento central da metodologia do Olodum é a utilização de materiais pedagógicos próprios, criados pela instituição. Esses materiais, que incluem músicas, cadernos pedagógicos, apostilas e livros, são desenvolvidos com base nas experiências do próprio Olodum e em estudos e pesquisas, visando fornecer aos professores e alunos recursos que ajudem a promover uma educação inclusiva e crítica. Esses materiais não apenas disseminam o conhecimento sobre a cultura e história afro-brasileira, mas também oferecem exemplos práticos de como a educação pode ser utilizada como uma ferramenta de resistência e transformação social.

A pedagogia do Olodum também se manifesta nas diversas atividades culturais promovidas pelo Grupo, como os festivais de música e artes, o ensino de percussão e dança afro, além dos projetos de intervenção social e comunitária. Essas atividades são todas parte de uma prática educacional

mais ampla, que utiliza a cultura como meio de engajamento dos jovens e da comunidade, criando um ambiente de aprendizagem que valoriza a diversidade e promove o respeito mútuo. A *Escola Olodum*, por exemplo, é um espaço onde a arte e a educação se fundem, proporcionando aos alunos uma formação que vai além do conteúdo curricular tradicional, focando no desenvolvimento integral do indivíduo.

Portanto, a metodologia de ensino do Olodum se destaca não apenas por sua singularidade, mas também por sua capacidade de criar uma educação crítica, inclusiva e transformadora. A pedagogia do Olodum busca romper com as narrativas eurocêntricas e racistas presentes na educação formal, oferecendo uma alternativa decolonial e antirracista. O resultado é uma educação que fortalece a identidade e a autoestima dos jovens afrodescendentes, ao mesmo tempo em que lhes proporciona ferramentas para atuar de maneira crítica e consciente na sociedade.

Este artigo explora os principais aspectos metodológicos da pedagogia do Olodum, analisando como suas práticas educativas contribuem para a construção de um ensino antirracista e emancipador, e como a música, especialmente o samba-reggae, atua como elemento central nesse processo de formação de saberes decoloniais.

A Escola Criativa Olodum com os tambores ainda sem a marca



Fonte: Acervo CDMO

Um breve histórico da proposta educativa do Olodum

Canto por Manifestações

*Bradamos num canto
as nossas manifestações
Com fé na vitória
Eu vou seguindo Olodum
Na garra de um povo
Que unido ultrapassar o além
Bradando, cantando
Lutando para o nosso bem
Mostraremos nossa força
Força que só o negro tem
(ZÔ, J. s/d).*

Tudo começou quando o Olodum, em 1983, deixa de ser apenas um bloco de carnaval e se re(ori)entou para se transforma radicalmente, reinventando formas de organização para antigas causas, restabelecendo-se e rearticulando o seu passado, com seu presente e futuro. O Olodum, segundo Rodrigues (1993):

... passou a atuar, acumulando os erros do Ilê Aiyê, do Badauê, do Apache do Tororó, do Filhos de Gandhi, dos terreiros de Candomblé, dos militantes dos partidos políticos, dos militantes das igrejas protestantes, dos militantes da Pastoral Afro-Brasileira da Igreja Católica e imprimiu uma página importante na história da música baiana, da cultura baiana, da negritude baiana, empreendeu um papel político no Brasil importantíssimo. O Olodum foi formado por pessoas negras, brancas e mestiças. A primeira coisa que foi feita nesse período foi não se proibir mais que brancos entrassem no Olodum, que mestiços também entrassem no Olodum. A segunda coisa que nós fizemos foi empreender uma luta política, porque entendíamos que era muito bom para o Candomblé, ser do Candomblé, ser negro, ser artista, ser um produtor cultural, mas o que faltava mesmo em Salvador, o que faltava mesmo era resgatar tudo aquilo que as revoluções, as rebeliões anteriores falavam para nós. Não bastava ser negro e ser belo e destacar que éramos os negros mais lindos do país. Tínhamos de ser fortes antes de tudo. Tínhamos de ter capacidade de organização (RODRIGUES 2021: 135).

A partir daí passou a desenvolver uma série de atividades e ações que englobam a música, a dança, a arte cênica, o cinema, por meio da criação de um cineclube, o próprio carnaval, a produção literária, o compromisso social, a consistência político-ideológica, a capacitação profissional, realização de seminários e a participação nos fóruns de discussão

promovidos pelo movimento negro, com uma visão internacionalista e objetivos econômicos, passando de bloco afro a *holding* cultural.

O primeiro projeto desenvolvido foi o *Rufar dos Tambores*, que visava ensinar música a crianças do bairro Maciel-Pelourinho, com foco na percussão e na valorização da identidade negra. Idealizado por João Jorge Rodrigues, Kátia Melo e outros que chegaram para a reestruturação da instituição, eles perceberam o interesse das crianças pela percussão e decidiram expandir a iniciativa para além da prática musical, integrando aspectos educacionais que abordassem as questões sociais e culturais relevantes para a comunidade.

Com o tempo, o projeto melhor se estruturou, evoluiu e foi rebatizado como *Escola Criativa Olodum*, um projeto dentro do *Rufar dos Tambores* que refletia uma abordagem pedagógica mais ampla, que integrava cultura, educação e tecnologia. A escola tornou-se um espaço onde os alunos podiam aprender não apenas a tocar instrumentos, mas também se envolver em discussões sobre identidade racial e Direitos Humanos, tornando-se um modelo de educação inclusiva e antirracista.

Já no início da década de 1990, a *Escola Criativa Olodum* era referência com sua pedagogia interétnica e suas estratégias didáticas pluriversas, com abordagens de formação humana de caráter multicultural, crítica e não eurocêntrica. A *Escola Olodum* é também pioneira em formar professores/as - por meio de seus cursos, seminários, palestras, jornais, boletins, apostilas, programas de rádio, livros, cartilhas, LPs/CDs, etc. -, para trabalhar com conteúdos pertinentes a África e História dos negros no Brasil, antes mesmo da sanção da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório aos estabelecimentos oficiais de ensino, o estudo sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

A *Escola Criativa Olodum*, posteriormente chamada apenas de *Escola Olodum*, consolidou-se como uma referência no Brasil e no exterior. A instituição desenvolveu uma proposta educacional que utiliza a música, especialmente o samba-reggae, como ferramenta de transformação social e pessoal.

Em suas atividades de formação, o Olodum já atendeu diretamente, em seus mais de 45 anos de atuação, cerca de 100 mil pessoas - entre crianças, adolescentes, jovens, professores das redes estaduais, municipais, comunitárias e particulares, membros de movimentos negro, sociais e culturais diversos - de forma gratuita. Mas como tudo no Olodum é educativo e possui abordagens inter e multidisciplinar, que vai tomando forma nas atividades paralelas à sua vida no *show business* e atividades carnavalescas, não ficando apenas no cantar, pode-se falar no alcance de milhões de pessoas, dos mais diferentes perfis, sendo portanto caracterizado como um legítimo educador antirracista, por produzir e disseminar saberes, além de provocar intervenções concretas na sociedade.

Essa trajetória do projeto *Rufar dos Tambores* até a atualidade da *Escola Olodum* é um exemplo marcante de como a arte pode ser uma forma poderosa de resistência e educação em contextos de desigualdade social.

A metodologia de ensino

No compasso do Olodum

Viajando na melodia

Da poesia musical

Espalhando axé e cultura

Mostrando pro mundo seu potencial

(...)

Resistente na sua história

Segue em busca do seu ideal

Tambores negros contagiam

És a pura beleza em pleno carnaval

(NARCIZINHO; FERRAZ & CRISTIANE 2014).

A metodologia de ensino do Olodum se destaca pela fusão de diversas propostas pedagógicas decoloniais. O metodologia matriz é a pedagogia interétnica, que foi desenvolvida como uma resposta às lacunas do ensino tradicional, muitas vezes desvinculado das realidades e das culturas das populações afrodescendentes. Esse modelo pedagógico inovador foi não só uma prática interna do Olodum, mas também serviu de inspiração para políticas públicas, ampliando seu impacto social e educacional.

A pedagogia interétnica, preconizada pelo professor Manuel de Almeida Cruz (1989) e utilizada pelo Olodum, prevê processos organizados e lógicos com técnicas, meios e métodos operacionais que vão além de uma simples proposta de inclusão racial no ensino. Trata-se de um projeto que reconhece e valoriza a diversidade cultural e racial da sociedade brasileira, incorporando esses elementos ao processo de aprendizagem e funciona como uma ferramenta de desconstrução das hierarquias culturais impostas pelos sistemas educacionais convencionais, promovendo uma educação crítica e emancipadora:

Dar asas à imaginação. Este é o ponto básico da Escola Criativa Olodum. A possibilidade de um maior esclarecimento da criança negra, através da reflexão e liberdade de ideias. A escola pretende, antes de mais nada exercitar a criatividade da criança e estimular a livre iniciativa, a força de vontade e permitir o acesso ao conhecimento de uma maneira que flua de forma espontânea, sem traumas e sem tornar danoso o processo de aprendizagem. O trabalho da escola é o de valorizar a criança negra e dar a ela a oportunidade de enxergar o mundo por outra óptica: o da possibilidade e da perspectiva. A possibilidade de ouvir, criar e desenvolver uma idéia, um pensamento e a perspectiva de mudar e

de projetar para o futuro um novo horizonte de vida. A Escola Criativa Olodum (ECO) busca dessa forma, educar em plena sintonia com processo de libertação dos segmentos étnicos dominados e oprimidos da sociedade, e despertar uma consciência crítica que emancipe soluções para construirmos, de uma vez por todas, uma civilização humana mais evoluída e longe do ato primitivo do racismo, que infelizmente ainda impregna o nosso mundo (OLODUM 1993: 8).

Na interseção de diversas teorias e conceitos, o Olodum surge como um espaço de resistência cultural e educativa, promovendo o empoderamento coletivo como um ato político contínuo e transformador. Conforme apontam Toro & Werneck (1996), o Olodum assume o papel de “reeditor social”, uma figura que vai além do simples “multiplicador”. Enquanto o multiplicador apenas replica informações, o reeditor social adapta mensagens de acordo com contextos, oportunidades e propósitos, ganhando credibilidade e legitimidade junto ao seu público. Essa liderança não é imposta, mas construída através de uma profunda consciência social, capaz de criar e recriar estratégias, métodos e discursos que refletem sua própria realidade e lugar de fala.

Ao atuar como reeditor social, o Olodum não apenas comunica, mas também constrói significados e sentidos próprios, elaborando uma rede de significados que converge em torno de um objetivo comum: a luta contra o racismo. Essa rede de significados é alimentada e sustentada por suas ações concretas, enraizadas na vivência do seu público e na sua história. A pedagogia Olodum, por sua vez, é um reflexo desse processo contínuo de reedição. Ela se nutre e se expande a partir de outras pedagogias que também desafiam as opressões e promovem a emancipação.

Este mix epistemológico do Olodum se sustenta nas perspectivas teórico-metodológicas da decolonialidade, como alternativa ao modelo branco eurocêntrico. O Olodum incorpora o conceito de Quilombismo, formulado por Abdias Nascimento (1980), grande parceiro da instituição, cujo nome batiza sua biblioteca. Nascimento propôs um projeto de emancipação social do negro, alicerçado em sua própria História e Cultura, ideia que é central para a atuação do Olodum. Além disso, o conceito de Quilombagem, de Clóvis Moura (1989), outro parceiro da instituição, está profundamente presente na ação do Olodum. Moura propôs uma interpretação dos quilombos como processos de resistência, abordando não apenas a luta contra a escravidão, mas também as dinâmicas de territorialidade e poder.

Nesse sentido, o Olodum, embora tenha o Pelourinho como base histórica e simbólica, transcende essa localização geográfica. Hoje, ele possui polos que funcionam como receptores e irradiadores de suas ações culturais e sociais, recriando uma nova galáxia existencial que acolhe os

“indesejáveis” da sociedade. Esse espaço é pensado para que todos tenham a liberdade de ser o que são, reforçando a ideia de territorialidade expandida, onde o Olodum vai além de suas fronteiras físicas e constrói espaços simbólicos de resistência e acolhimento.

Já o conceito de Aquilombamento, de Beatriz Nascimento, embora tenha tido uma relação tangencial com o Olodum, também ecoa fortemente nas práticas da instituição. Segundo Nascimento (RATTS, 2007), o aquilombar-se é um ato de resistência contra hegemônica, um movimento de reconexão com a ancestralidade, não apenas como memória, mas como força ativa no presente. Apesar de não terem se encontrado fisicamente, há um elo profundo entre o pensamento de Beatriz e as práticas do Olodum: ambos clamam por uma construção coletiva de esperança, força e sonho, visando um futuro melhor. O aquilombamento, nesse sentido, não é apenas um retorno ao passado, mas uma estratégia para atuar no presente, criando novas possibilidades de existência e resistência frente às opressões.

A metodologia pedagógica do Olodum se fundamenta em uma experiência educacional e cultural profundamente enraizada na convivência interativa e na consciência de pertencimento a uma coletividade. O Olodum entende que a construção do conhecimento e a transformação social ocorrem de forma coletiva, e essa visão se apoia em valores comunitários que ressoam com a filosofia Ubuntu e o pensamento nagô.

A filosofia Ubuntu, apresentada pelo filósofo sul-africano Mogobe Ramose (2002), e o pensamento nagô de Muniz Sodré (2017), são pilares centrais na pedagogia do Olodum. Ambos compartilham a ideia de que o ser humano não existe de forma isolada, mas sim como parte de uma rede de interdependência. Esses conceitos revelam que precisamos uns dos outros para otimizar nosso bem-estar físico, mental e espiritual, sublinhando a interconexão essencial entre os indivíduos e suas comunidades. Essa interdependência é essencial para a construção de uma educação que valoriza o coletivo e o diálogo constante entre as pessoas.

Desmond Tutu, arcebispo anglicano e *Prêmio Nobel da Paz* em 1984, sintetiza bem essa filosofia em sua luta contra o Apartheid, ao afirmar que “não podemos ser humanos sozinhos”. Ubuntu, para Tutu, não é apenas uma noção de comunidade, mas uma forma de vida que destaca a responsabilidade mútua entre os seres humanos, promovendo o reconhecimento da dignidade e valor de cada indivíduo no contexto coletivo. Essa visão é também um princípio que orienta a prática educativa do Olodum: o reconhecimento de que a luta contra o racismo e a promoção da cidadania se constroem a partir de uma responsabilidade compartilhada.

Ao integrar esses princípios na sua metodologia, o Olodum promove uma educação inclusiva e humanizadora, que reconhece o potencial de cada indivíduo e a importância do grupo. O coletivo é visto como um espaço de cura e fortalecimento, onde as trocas culturais e a participação ativa constroem uma comunidade capaz de transformar a realidade. O

pensamento de Muniz Sodré (2017), por exemplo, complementa essa filosofia ao resgatar a cosmovisão nagô, que enfatiza o vínculo entre corpo, mente e comunidade, e propõe uma pedagogia que ressignifica as relações sociais e culturais.

Portanto, a metodologia do Olodum vai além de uma simples transmissão de conhecimentos. Ela se alicerça em valores éticos, que buscam a transformação do ser humano por meio da convivência, da troca de saberes e da construção de uma sociedade mais justa e inclusiva. Nesse sentido, o Olodum pratica uma pedagogia que é, ao mesmo tempo, política, social e espiritual, promovendo uma Educação que forma indivíduos comprometidos com o bem-estar coletivo e com a luta pela equidade.

Os conceitos de união e comunidade são centrais na prática e filosofia do Olodum, sendo representados pela terminologia “*Ujamaa*”, termo de origem *suaíli* que o grupo utiliza, e que remete à ideia de familiaridade, família extensa ou irmandade. *Ujamaa* é mais do que uma simples palavra; trata-se de um princípio profundamente ligado às noções de solidariedade e cooperação comunitária.

Esse conceito foi amplamente popularizado por Julius Nyerere (1922-1999), líder nacionalista e pan-africanista que se tornou o primeiro presidente da Tanzânia após a independência do país em 1961. Nyerere incorporou o princípio de *Ujamaa* como base de sua política de desenvolvimento econômico e social, promovendo a construção de uma sociedade fundada na cooperação entre as pessoas, no trabalho comunitário e na redução das desigualdades. Seu objetivo era criar uma economia baseada na autossuficiência coletiva, onde o bem-estar da comunidade estivesse no centro das decisões políticas e econômicas. Nesse sentido, *Ujamaa* transcendeu o campo econômico, transformando-se em uma filosofia que valoriza o ser humano enquanto parte de um todo maior, em uma rede de reciprocidade e interdependência.

Para o Olodum, o conceito de *Ujamaa* serve como inspiração tanto para suas práticas culturais, quanto para seus projetos de desenvolvimento comunitário. Desde 1983, o grupo vem utilizando essa ideia para fomentar a revitalização e o fortalecimento social e econômico no bairro do Maciel-Pelourinho, em Salvador. Nesse contexto, o Olodum não apenas celebra a cultura afro-brasileira, mas também promove a construção de um espaço onde a solidariedade, o pertencimento e a coletividade são os alicerces das ações realizadas.

O Maciel-Pelourinho, um território historicamente marginalizado, tornou-se um campo de atuação para o Olodum ao aplicar os valores de *Ujamaa*. Ao investir em iniciativas de desenvolvimento comunitário, o grupo fomenta uma irmandade que conecta os moradores em torno de objetivos comuns, tais como a promoção da cidadania, a luta contra o racismo e a valorização da cultura afrodescendente. Assim, o conceito de *Ujamaa*, inicialmente aplicado em políticas de desenvolvimento nacional na Tanzânia,

é adaptado pelo Olodum para o contexto urbano e social de Salvador, onde serve como ferramenta de transformação social.

Esse enfoque no desenvolvimento comunitário e no fortalecimento dos laços sociais é um dos pilares que sustentam a *Pedagogia Olodum*. Através de suas ações, o grupo trabalha para criar uma comunidade unida, que compartilha saberes, experiências e lutas, reafirmando a importância da coletividade como meio de construção de um futuro mais justo e equitativo. Portanto, *Ujamaa* no Olodum representa não apenas um ideal teórico, mas uma prática concreta de resistência, solidariedade e empatia social.

É no panafricanismo que o Olodum faz sua base epistêmica. O panafricanismo é uma designação abrangente que representa a aglutinação dos legados históricos, culturais, espirituais, artísticos, científicos e filosóficos dos africanos, desde os tempos ancestrais até o presente na diáspora. A hermenêutica do Olodum se dedica a interpretar e explicar os discursos do panafricanismo na contemporaneidade, combinando uma compreensão crítica dos sentidos que emergem dessas narrativas com as contradições que as constituem e o contexto social e histórico em que estão inseridas. Essa abordagem não apenas resgata a importância do passado, mas também busca dar voz e visibilidade às lutas atuais da população afrodescendente.

A metodologia interpretativa do Olodum é caracterizada pela compilação e mistura de diversas formas de pensar, promovendo o desenvolvimento do senso crítico e analítico em relação aos assuntos emergentes no cotidiano. Essa prática educativa se alinha à proposta de um aprendizado dinâmico e colaborativo, onde o conhecimento é construído coletivamente. Através dessa interação, o Olodum forma uma rede de saberes que contempla a complexidade das identidades negras e as várias dimensões das experiências afro-brasileiras.

O Olodum dialoga com pensadores como W.E.B. Du Bois (1868-1963), que enfatizou a importância da identidade e da luta dos negros na sociedade americana, e Kwame Nkrumah (1909-1972), que, como primeiro presidente de Gana, foi um defensor fervoroso da unidade africana e do socialismo. Thomas Sankara (1949-1987), de Burkina Faso, representa a resistência contra o neocolonialismo e a luta pela dignidade e autonomia do povo africano. Esses líderes foram fundamentais na História do continente africano, especialmente durante o período de revolução e descolonização, e suas ideias reverberam nas práticas do Olodum.

A proposta de Marcus Garvey (1887-1940) sobre a construção de uma comunidade negra fora do continente africano, com articulação e força política para a produção teórica, estética e sociocultural sobre a existência negra, ressoa fortemente na filosofia do Olodum. Garvey, considerado um dos maiores líderes negros da diáspora, influenciou movimentos como a *Nação do Islã* e o *Black Power*, além de ser associado ao rastafarianismo como uma forma de resistência cultural e espiritual.

Ademais, o Olodum também se inspira em pensadores como Frantz Fanon (1925-1961), cujas obras abordam a psicologia da opressão e a luta pela libertação; Samora Machel (1933-1986), que lutou pela independência de Moçambique; Agostinho Neto (1922-1979), líder da luta pela independência de Angola; e Amílcar Cabral (1924-1973), uma figura chave na luta pela independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde. Essas figuras históricas e suas contribuições são frequentemente homenageadas em temas de carnavais do Olodum, ressaltando a interconexão entre as culturas africanas e afro-brasileiras.

Vale salientar que o já citado parceiro inspirador do Olodum, Abdias do Nascimento foi um dos grandes difusores do panafricanismo no Brasil. E por fim, a pedagogia do Olodum é também enriquecida pelo pensamento do educador brasileiro Paulo Freire (1921-1997), que promoveu uma Educação libertadora, centrada no diálogo e na conscientização crítica. Freire enfatizou a importância da Educação como ferramenta de transformação social, um princípio que se alinha perfeitamente com os objetivos do Olodum de empoderar a comunidade afrodescendente e promover uma cultura de resistência e solidariedade.

Outras influências pedagógicas também se somam a Pedagogia Olodum. Destacam-se a pedagogia insurgente, transgressora e engajada (HOOKS 2017), que desafia estruturas opressivas; a pedagogia da encruzilhada (RUFINO 2018), que reflete as complexas interseções culturais e sociais; a pedagogia da autonomia e da emancipação (FREIRE 1977; 1998), que promove a liberdade de pensar e agir criticamente; a pedagogia do terreiro (MACHADO 2019; CAPUTO 2012), enraizada nos saberes ancestrais afro-brasileiros; e a pedagogia antirracista (CAVALLEIRO 2012; GOMES 2013; SILVA 2004), que coloca a luta contra o racismo como central para qualquer prática educativa. Todas essas vertentes encontram no *Movimento Negro Educador* (GOMES 2017) uma consolidação prática e teórica, formando uma base sólida para a pedagogia do Olodum, que se configura como uma pedagogia de resistência e transformação social.

Dessa forma, a pedagogia do Olodum é um campo fértil que entrelaça as tradições e os legados afrocentrados diversos, utilizando esses conhecimentos para cultivar uma Educação que busca não apenas o desenvolvimento individual, mas a emancipação coletiva, reafirmando a identidade negra e a luta contra as injustiças sociais. Ao integrar essas influências diversificadas, o Olodum estabelece uma prática educativa que é simultaneamente crítica, transformadora e profundamente enraizada na História e na Cultura afro-brasileira.

Nesse processo de reedição contínua, o Olodum não apenas transmite conhecimentos, mas também transforma a realidade através da Educação, consolidando-se como uma força vital na luta contra o racismo e na construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Assim, o Olodum, ao integrar esses conceitos, constrói uma prática pedagógica e cultural que

desafia as estruturas coloniais, promove a valorização da identidade negra e constrói, na prática, a emancipação social e cultural da população afrodescendente.

Semeando políticas públicas antes da Lei 10.639/2003

Palco da vida

Abriu-se a cortina

Do palco da vida

Sublime, singelo

Brotou o Olodum

Cristalino, divino, supremo

Raça negra emergindo

Fotografando o orgulho

Pelos raios das luzes

Dos olhos dos seres

Naturais, naturais

(NÊGO 1984).

A Pedagogia Olodum emerge como uma força transformadora na educação antirracista, comprometida com o combate às desigualdades raciais por meio da valorização dos saberes afro-brasileiros. Sua proposta desafia o racismo estrutural ao centralizar a cultura negra no processo educacional, promovendo uma conscientização social que transcende o próprio Olodum, influenciando também políticas públicas.

O impacto da pedagogia desenvolvida pelo Olodum é notável. Ela não apenas moldou práticas educacionais internas, mas também encontrou ressonância em iniciativas políticas mais amplas. Um marco significativo ocorreu em 1988 quando, em colaboração com a *Associação dos Professores Licenciados da Bahia* (APLB Sindicato), a *União de Negros pela Igualdade* (UNEGRO) e o próprio Olodum, uma emenda popular foi aprovada na *Constituição do Estado da Bahia*, inaugurando o *Capítulo XXIII – "Capítulo do Negro"*. Esse capítulo, composto por cinco artigos, estabeleceu a Bahia como o primeiro Estado a incluir em seu currículo escolar o reconhecimento da contribuição negra na formação da sociedade brasileira.

Outro exemplo notável foi a experiência da *Escola Criativa Olodum* (1994-1998), que se tornou parte da rede municipal de Salvador, em parceria com o *Instituto de Pedagogia Interétnica*, criado pelo professor Manuel de Almeida Cruz, então coordenador pedagógico do Olodum. A escola oferecia Educação formal para o Ensino Fundamental, integrada à arte-educação e à educação interétnica, atendendo turmas da 1ª à 4ª série. Ao tornar-se parte da rede oficial de ensino de Salvador, a pedagogia do Olodum previa a sensibilização e discussão sobre a subjetividade negra, conforme destaca Beth Wagner (1993 *apud* FELIPE 2023), então Vice-Prefeita e Secretária de Educação de Salvador:

Esta experiência tem a possibilidade de irradiar uma nova cultura para todas as escolas da rede municipal. Uma cultura que será incorporada ao currículo da rede de ensino para ser vivenciada por todos os nossos alunos (...) É realmente uma revolução (WAGNER 1993 apud FELIPE 2023).

No início da década de 1990, a *Escola Criativa Olodum* já era referência em pedagogia interétnica, com práticas pluriversas que desafiavam as normativas eurocêntricas, adotando uma formação multicultural e crítica. Além de ser um espaço educacional, a escola se firmou como uma instituição pioneira na formação de professores e na produção de materiais pedagógicos voltados para o estudo da História e Cultura afro-brasileira, antecipando as demandas da Lei 10.639/2003, que tornou obrigatório o ensino dessa temática nas escolas.

Na época, havia uma carência de materiais e referências sobre a História afro-brasileira, o que fez com que a *Escola Olodum* assumisse um papel central na criação de conteúdos, como livros, apostilas, cadernos pedagógicos, jornais, seminários, palestras, programas de rádio. Embora a escola formal não conseguisse acompanhar todas as inovações pedagógicas propostas pelo Olodum, a instituição consolidou-se como um espaço não formal de Educação, onde a epistemologia do samba-reggae funcionava como um vetor de transmissão de conhecimento ancestral e crítico.

Os membros do Olodum tiveram participação significativa nas discussões sobre os direitos das crianças e adolescentes, especialmente com a implementação do *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)*, regulamentado pela Lei Federal n.º 8.069/1990, que estabelece o artigo 227 da *Constituição Federal*. O Olodum desempenhou um papel crucial em campanhas contra o abuso sexual, exploração do trabalho infantil, violência policial, e também na luta pela erradicação do analfabetismo, pela permanência escolar e garantia de escola para todos. Sua atuação na formulação de políticas públicas integra seu processo pedagógico, reforçando a Educação cidadã e inclusiva.

O compromisso do Olodum com a transformação social através da Educação não se limita à disseminação cultural, mas se expande para a promoção de direitos fundamentais. Participando ativamente em campanhas como “*Ação contra a Fome e a Miséria e Pela Vida*”, a instituição reafirma sua vocação para o desenvolvimento humano integral, especialmente em contextos de vulnerabilidade. Ao abordar questões cruciais como a violência policial e o trabalho infantil, o Olodum demonstra que sua pedagogia não é apenas cultural, mas profundamente engajada na luta por justiça social e igualdade de direitos.

Estes exemplos ilustram apenas algumas das ações do Olodum em defesa de políticas públicas antes da promulgação da Lei 10.639/2003. O papel do Olodum na luta por direitos sociais é profundamente entrelaçado

com sua proposta pedagógica. A instituição se posiciona além da Educação artística, tornando-se uma plataforma de transformação social e conscientização política. Sua atuação visa empoderar a juventude afrodescendente e marginalizada, promovendo não apenas o conhecimento, mas também a cidadania e o enfrentamento das desigualdades estruturais que afetam essas comunidades.

Com a promulgação da Lei 10.639/2003, a *Escola Olodum* intensificou seu compromisso com a formação de professores e a produção de materiais didáticos, promovendo uma reeducação do olhar sobre a História e a Cultura afro-brasileira. O enfoque pedagógico decolonial da instituição visa dismantelar visões eurocêntricas, propondo uma educação libertadora que, enraizada nas tradições africanas, desafia o racismo e fortalece a identidade negra na sociedade.

A prática pedagógica e cultural do samba-reggae Olodum

Escola de vida

*Tu pensas em tocar, vós quererdes vir dançar?
Minha escola lhes convida
Conheças minha classe venhas participar
Descobrir os teus direitos discutindo meu dever
Seremos desafiados
A conquistar espaços, transformar o poder.
É assim que eu vou... por isso vou
E sempre levo mais um... não é qualquer um
Encantando com minha dança
Escola de vida Olodum
(GENTIL & REGO 2007).*

A prática pedagógica e cultural do Olodum reflete uma abordagem integrada que conecta Educação, Cultura e cidadania por meio de suas atividades artísticas. As ações do grupo, como eventos, cursos, festivais e oficinas de música, dança e teatro, promovem a valorização da cultura afro-brasileira e incentivam o engajamento social. O *Festival de Música e Artes Olodum Mirim (Femadumzinho)* é um exemplo dessa pedagogia, proporcionando aos jovens um espaço de aprendizado onde a cultura e as questões raciais são discutidas de forma prática e vivencial.

Essa metodologia visa fortalecer o vínculo entre os participantes e suas raízes culturais, ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades artísticas e cidadãs. As oficinas de percussão e dança afro, por exemplo, ensinam não apenas técnicas artísticas, mas também valores como cooperação, solidariedade e resistência. A prática artística se torna, assim, uma ferramenta pedagógica essencial, promovendo a construção coletiva de saberes e incentivando uma educação que vai além da sala de aula.

O samba-reggae, ritmo criado pelo Olodum, desempenha um papel central nessa pedagogia, servindo como meio de transmissão de conhecimentos sobre a História africana e as lutas contemporâneas contra o racismo. A música, no contexto do Olodum, é uma linguagem de resistência e empoderamento, permitindo que os jovens se conectem com sua ancestralidade e desenvolvam uma consciência crítica sobre as desigualdades sociais.

A epistemologia do samba-reggae, como proposta educativa, rompe com as estruturas tradicionais de ensino, ao validar o conhecimento científico através da arte. O ritmo não apenas ensina música, mas também forma identidades e promove a conscientização política, transformando cada aluno em um sujeito ativo no combate às injustiças sociais. Assim, o Olodum estabelece um diálogo entre música, cultura e educação que reflete seu compromisso com a transformação social.

Esse modelo educacional inclusivo e descolonizador, que valoriza a história e a cultura afro-brasileira, fortalece a identidade racial e a consciência crítica dos alunos. A música e a dança se tornam veículos para discutir temas como racismo, ancestralidade e cidadania, criando uma educação integral que conecta o aprendizado com a experiência comunitária e cultural.

Conclusão

Olodum Conscientização

Localiza-se no Maciel

Como instrumento cultural

Nesse circo que é o mundo

Sua lona é o céu

Falando de reggae

Não dá pra esquecer

Que o Olodum faz o seu papel

Caia com o Olodum na real

Instrumento cultural

Negro que é subestimado

Além de tudo já foi massacrado

Mas pra ele não tem essa não

Dá a volta por cima, pois ele é negão

(ONASSIS 2014).

A pedagogia desenvolvida pelo Olodum, ancorada na música e nas tradições culturais afro-brasileiras, é uma prática revolucionária que transcende o ensino convencional. Ao integrar Arte, Cultura e Educação, o Olodum promove uma metodologia que valoriza a ancestralidade e desafia as estruturas eurocêntricas e racistas. Através do samba-reggae, o grupo utiliza a música como uma ferramenta pedagógica e política, capaz de

empoderar jovens afrodescendentes e fomentar uma consciência crítica sobre as desigualdades sociais e raciais.

Essa abordagem educativa não apenas proporciona um espaço de aprendizado técnico, mas também atua como um veículo de resistência cultural e social. A epistemologia do samba-reggae serve para conectar as novas gerações à sua História, ao mesmo tempo em que as prepara para o enfrentamento das opressões contemporâneas. A prática pedagógica do Olodum, enraizada em um compromisso com a justiça social, evidencia a importância da cultura como um componente essencial para a construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Ao longo de sua trajetória, o Olodum não apenas se destacou como uma organização cultural, mas também como um agente ativo na formulação e implementação de políticas públicas, contribuindo para a criação de um ambiente educacional que reconhece e valoriza as diferentes identidades étnicas. A metodologia do grupo, que incorpora a arte como uma forma de diálogo e transformação, aponta para um futuro onde a Educação é vista como uma ferramenta de emancipação coletiva.

Com essa visão ampliada de Educação, a pedagogia do Olodum se consolida como um modelo a ser seguido, não apenas pelo seu impacto local em Salvador, mas também por seu potencial de ser replicada em diferentes contextos. Seu legado está na formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na luta pela igualdade, reforçando a necessidade de uma educação que integre saberes ancestrais e contemporâneos para promover a verdadeira transformação social.

Referências

CRUZ, Manoel de Almeida (1989). *Alternativas para o combater o racismo: um estudo sobre o preconceito racial e o racismo, uma proposta de intervenção científica para eliminá-los*. Salvador: Núcleo Cultural Afro-brasileiro.

_____. (1996). "A pedagogia interétnica nas escolas de Salvador". *Revista da Sociedade Afro-Sergipana de Estudos e Cidadania*, n. 2. Aracaju.

FELIPE, Mara & SILVA, Gerson (2010). *Olodum, história e cultura afro-brasileiras em 30 músicas*. Salvador: Associação Carnavalesca Bloco Afro Olodum, 2010.

FELIPE, Mara (2024). *Pedagogia Olodum - Epistemologia do Samba-Reggae*. Jundiaí, Paco Editorial.

GENTIL, Marcelo & REGO, Keyler (2007). "Escola de Vida Olodum". *Tambor Cidadão*. Coral Olodum Mirim CD.

Disponível em: <https://bit.ly/3PW8xUI>.

Acesso em: 18/02/2021.

LOPES, Tita & MENEGHEL, Germano (1991) “Convite Olodum”, *Da Atlântida à Bahia... O Mar é o Caminho*. LP WEA International Inc. In: RODRIGUES, J.J. et al. (2014). *Olodum, Carnaval, Cultura, Negritude 1979-2014*. Salvador: Associação Carnavalesca Bloco Afro Olodum: 328.

Disponível em: <https://bit.ly/45hwPNK>. Acesso em: 7 jun. 2022.

NARCIZINHO; FERRAZ & CRISTIANE (2014). “No compasso do Olodum” (Sem registro fonográfico). In: RODRIGUES, J.J. et al. (2014). *Olodum, Carnaval, Cultura, Negritude 1979-2014*. Salvador: Associação Carnavalesca Bloco Afro Olodum: 82.

NÊGO, (1984). “Palco da vida” (Sem registro fonográfico). In: RODRIGUES, J.J. et al. (2014). *Olodum, Carnaval, Cultura, Negritude 1979-2014*. Salvador: Associação Carnavalesca Bloco Afro Olodum: 402.

OLODUM (1993). “Escola Criativa Olodum. Uma escola viva”, *Jornal do Olodum*: 8.

ONASSIS, Pierre (2014). “Olodum Conscientização” (Sem registro fonográfico). In: RODRIGUES, J.J. et al. (2014). *Olodum, Carnaval, Cultura, Negritude 1979-2014*. Salvador: Associação Carnavalesca Bloco Afro Olodum: 358.

RODRIGUES, João Jorge; MENDES, Nelson; SILVA, Ubiraci & CAPINAN, Bete (Orgs.) (2014). *Olodum, Carnaval, Cultura, Negritude 1979-2014*. Salvador: Associação Carnavalesca Bloco Afro Olodum.

RODRIGUES, João Jorge (2021). *Fala Negão: um discurso sobre igualdade*. Coedição: Fundação Casa de Jorge Amado e Ibrachina. Salvador.

ZÔ, J. (2014) “Canto por manifestações” (Sem registro fonográfico). In: RODRIGUES, J.J. et al. (2014). *Olodum, Carnaval, Cultura, Negritude 1979-2014*. Salvador: Associação Carnavalesca Bloco Afro Olodum: 333.

Sobre a Autora

Mara Felipe possui Mestrado em Ensino e Relações Étnico-Raciais pela *Universidade Federal do Sul da Bahia* (UFSB); Pós-graduação em Comunicação e Mobilização Social pela *Universidade de Brasília* (UnB); Gerência Social pelo *Instituto Interamericano de Desenvolvimento Social* (INDES/BID), e formação em Comunicação Social e Filosofia. É ativista pelos

Direitos Civis e Humanos das populações negras e Conselheira para Assuntos Pedagógicos do *Olodum*. Empresária e consultora, dedica-se à orientação de organizações não-governamentais e empresas socialmente responsáveis em áreas que vão desde a elaboração de projetos e construção de indicadores até o monitoramento de gestão, avaliação de impacto, resultados de programas e projetos de intervenção sociocultural e educação interétnica. Na coordenação e gestão de eventos culturais e acadêmicos, é presença marcante. Escritora, organizadora editorial e produtora gráfica, fonográfica e cultural, ela assina o livro "*Pedagogia Olodum - Epistemologia do Samba-reggae*", obra que reverbera sua trajetória. Mãe. Mulher. Maria Olodum. Mara é simplesmente, MARAvilhosa!